

2821
SERMAM

DE

S. ANTONIO,

PREGOU-O

O P. LOURENÇO RIBEYRO

Na Cappella do carcere da Cidade da Bahia.

OFFERECEO

Ao Illustrissimo, & Reverendissimo Senhor

DOM JOAÃO FRANCO

DE OLIVEYRA,

BISPO DE CONGO, E ANGOLLA,

eleyto Arcebispo da Bahia, do Concelho de Sua

Magestade, &c.



L I S B O A.

Na Officina de MANOEL LOPES FERREYRA.

M. D C. X C I I I.

Com todas as licenças necessarias.



VOS ESTIS LUX MUNDI.

Matth. cap. 5.



O M o titulo de luz do mundo festejaõ os pres-
 fos deste lugar ao glorioso Santo Antonio ; &
 examinando eu as congruencias, que tem o Sã-
 to com o nome de luz, que hoje lhe dà o Evã-
 gelho, & com o lugar, aonde se lhe faz a pre-
 sente celebridade, venho a persuadirme a que
 se aperfeicoa a plausibilidade da festa com se-
 rem presfos os que solennizaõ o dia presente, cõ-
 sagrando-o à prodigiosa luz de Santo Antonio. E a ração he; por-
 que o titulo de luz sómente, que dà o Evangelho a este Santo, he
 commum tambem aos outros Santos Doutores, de quem o canta
 a Igreja Catholica pelo discurso do anno; porẽm solennizaremno
 os presfos, he especial de Santo Antonio, como advogado do car-
 cere; ainda que se applaudaõ muito os Santos pelas prerogativas
 commuas, só ficaõ excessivamente engrandecidos pela especiali-
 dade de algũa incommunicavel aos mais. Là disse o Anjo às Ma-
 rias, que annunciassẽ a Resurreiçaõ aos Discipulos, & a S. Pe-
 dro: *Itē, dicite Discipulis ejus, & Petro;* porẽm se S. Pedro era tam-
 bem Discipulo como todos, para que foi necessario exprimirhe o *Marc.*
 nome de Pedro, depois de haverlhe chamado Discipulo? Direi: 16.
 He verdade, que o ser Discipulo de Christo he grande elogio dos
 Apostolos; mas como he prerogativa commua, achou o Anjo, q̃
 para dizer quem era S. Pedro, depois de chamarlhe Discipulo, lhe
 devia exprimir o proprio nome, por onde se differçava dos mais;
 porque ainda que os titulos gêraes conduzaõ muito para a plausi-
 bidade dos sugeitos, esta só se aperfeicoa de todo quando saõ es-
 peciaes as prerogativas.

Por isso eu dizia, que no dia presente fica mais plausivel a cele-
 bridade

bridade de Santo Antonio, por lha dedicarem os presos, que só a elle o festejaõ. Bem vejo, que no Evangelho, que se canta, he Santo Antonio luz como os outros Santos Doutores; porẽm como neste lugar se não festeja a outro algum Santo, serve de realce ao titulo de luz, que lhe dà a presente celebridade, a devoção dos homens presos, que só a elle o solennizaõ. Quanto mais que só a circumstancia de ser applaudido em o carcere, lhe serve de mayor elogio. Quando Christo Senhor nõsõ prégou as mayores excellencias do Baptista, foi estando elle em hum carcere: *Cum audisset Joannes in vinculis, &c. cepit Jesus dicere de Joanne*, & que mais tem o carcere, aonde se acha o Precursor, para só nelle, & não em outra parte se empenhar o Filho de Deos em o louvar? Direi. Os carceres instituirão-se para castigo de delinquentes, não para applauso de justos; fabricarão-se para pena de culpados, não para plausibilidade de Santos; pois para que se entenda, que o mayor louvor do Baptista he ser louvado elle só aonde todos se vituperaõ, não o louve o Senhor em outra algũa parte, senão em o carcere sómente: *Joannes in vinculis, cepit dicere de Joanne*.

Matth.
11.

Reparemos nas palavras: *Cepit dicere*: começou a louvallo, diz o texto, & não he sem grande mysterio; porque como o Baptista não era luz, conforme o texto do Evangelista em o primeiro capitulo: *Non erat ille lux*, bastava que o Senhor o começasse a louvar; não era justo que o acabasse de applaudir. Reservou sem duvida os elogios consummados para o glorioso Santo Antonio, que neste carcere festejamos com o titulo de luz, conforme as palavras do thema: *Vos estis lux mundi*. Bem vejo que tambem se louvou o Baptista no carcere; mas como foi sem o titulo de luz, com que hoje louvamos neste lugar a Santo Antonio, ficarão os louvores do Baptista de algũa sorte diminutos; foraõ principios de plausibilidade sómente: *Cepit dicere*, donde se colhe, que na celebridade presente tem Santo Antonio os elogios consummados; porque além de ser applaudido em hum carcere, tem o glorioso titulo de luz, com que a Igreja Catholica o festeja. Agora depois de vermos o muito que fica Santo Antonio applaudido, por ser louvado, & festejado neste carcere com o titulo de luz, resta mostrarmos qual he a luz de Santo Antonio para com os mesmos, que o festejaõ, tomando-o por advogado. Se os que festejaõ a Santo Antonio, são presos, devo mostrar a beneficencia de sua luz para com os encarcerados, que o louvaõ. Esse ha de ser o assumpto do Sermão. E assim saiba eu dirigir o discurso, como o

Santo

Santo me não ha de faltar com a luz para proceder com acerto. Demos principio ao assumpto.

Vos estis lux mundi. Luz do mundo chama o Evangelho de hoje a Santo Antonio. E supposto que a bondade da luz não carece de palavras alheas para o applauso proprio; porque ella he o melhor elogio de si mesma; & esse podia ser o seu mayor louvor, conforme o que diz Santo Ambrosio: *Plus est quod probatur aspectu, quam quod sermone laudatur; suo enim utitur testimonio, non alieno.* *no suffragio*, para satisfazer ás obrigações de Orador, hey de mostrar com palavras algũa parte do muito que a luz deste glorioso Santo por si mesma se engrandece. Digo pois, que a mayor excellencia da luz, entre todas as mayores que goza, consiste em ser toda para todos sem exceição de sujeitos. Com tanta universalidade he benefica, que a montes, & a valles, a grandes, & a pequenos, a bons, & a maos, a justos, & a culpados, diffunde seus rayos, & communica seus resplandores. Aqui descobrimos o mayor louvor de Santo Antonio, ser luz, como testemunha o Evangelho: *Lux mundi*; mas tão universal para todos, que atè neste carcere, aonde alguns, que estão no foro interno sem culpa, o invocaõ tambem os criminosos, & tomaõ por advogado. Para bons, & maos he luz géral Santo Antonio; para os bons, illustrando a verdade da sua innocencia; & para os maos, manifestando-lhes os erros do seu procedimento.

Isso denotaõ as palavras, ou titulo de luz do mundo: *Vos estis lux mundi*; não se diz unicamente que he luz, senão do mundo, idest, de todos; para que se entenda que, sendo o mundo tão dilatado, a todos géralmente, & em toda a parte se està sempre como luz communicando. Nem os lugares lhe impedem a beneficencia, nem os sujeitos lhe embargaõ a communicação; ao Ceo, & á terra; á Corte, & á aldea; ao Palacio, & á choupana; á praça, & ao carcere; ao livre, & ao preso; ao innocente, & ao culpado, diffunde a luz a belleza dos seus rayos, & communica a graça dos seus resplandores. Mas devemos advertir, que sendo a mayor excellencia da luz de Santo Antonio o ser universalmente commúa, ainda fica realçando-se mais, quando aos do carcere se communica géral, & se distribue para todos; & a razão he; porque o mayor realce da beneficencia, he fauorecer aos que no mundo padecem mayor oppressão, & vivem mais abatidos.

He bem digno de reparo, que sendo Joseph filho de Jacob, condemnado a hum carcere, entaõ afirma a Eserittura, que assistirá

Gen. 38. Deos com elle: *Fuit autem Dominus cum Joseph.* E que mais tent Joseph agora? Que lhe faltou antes, para Deos não assistir com elle antes, senão agora? Direi: Joseph antes, era valido de hum Principe, assistia em hum Palacio reverenciado de todos; depois esteve em hum carcere reputado por malseitor, infamado por delinquente; pois para que se entenda o mayor realce da beneficencia divina, não se diga, que Deos lhe assistio em o Palacio, aonde os homens o veneravaõ; publique-se, que o acompanha no carcere, aonde lhe infamaõ o credito, & até os amigos o deixaõ. He verdade que Deos assistio a Joseph sempre; mas como a divina bondade resplandece mais em favorecer aos mais abatidos, não exprime a Escrittura as assistencias de Deos antes, quando Joseph se vio honrado; só as declara no abatimento do carcere, aonde se vê (ainda que falsamente accusado) injuriado, & perseguido. Aqui he aonde resplandece mais a beneficencia divina.

Luc. 1. E que bem entendeo esta verdade o pay do Baptista, quando já disse no Cantico: *Illuminare iis, qui in tenebris, & in umbra mortis sedent*, disse que havia de allumiar aos que estavaõ em trevas, & á sombra da morte; porèm se o Baptista havia de allumiar, & prégar géralmente, como se disse que havia de allumiar só àquelles? Direi: Achou Zacarias, que a coroa de todas as excellencias do Baptista era prégar, & allumiar aos mais abatidos do mundo. Allumiar aos que buscaõ a luz, communicalla aos mesmos, que a solicitaõ, ainda que seja muito grande beneficio, não he o mais realçado. O mayor elogio da beneficencia consiste em communicarlhe o beneficio a quem, conforme o estylo do mundo, se lhe está impedindo o gozallo. Allumiar aos que amaõ a luz, beneficio he na verdade; porèm allumiar aos que se ausentaõ da mesma luz, communicalla aos que não daõ passo por buscalla, antes estaõ de assento nas trevas, esta he húa circumstancia, que realça de todo o beneficio: & a razão disto he; porque aos que são luzidos no mundo, aos bem vistos dos olhos humanos, todo o favor humano se dirige. Só aos abatidos, & desprezados dos homens, só àquelles que a opiniaõ vulgar reputa por delinquentes, como sempre a piedade humana lhes falta, não lhes val mais que a divina misericordia: pois não se diga, que o complemento das graças, & excellencias do Baptista consiste em allumiar sómente, senão em allumiar a desvalidos: *Illuminare iis, qui in tenebris, & in umbra mortis sedent.*

Mas que homens mais desvalidos que os presos? Que sujeitos mais desamparados, que os de hum carcere? Destes se pôde propriamente dizer, que *intenebris, & in umbra mortis sedent*. Quantos estaõ para devagar na prisãõ, *Sedent*; porque tem a verdade da sua innocencia escurecida: *In tenebris*; & quantos sendo verdadeiramente culpados, se consideraõ já, senaõ sentenciados à morte, ao menos à sombra della esmorecidos: *In umbra mortis*? A todos estes patrocina como especial advogado o glorioso Santo Antonio. Aos mesmos a quem o mundo desampara, allumia a luz benefica deste Santo, imitadora daquella luz divina Christo bem nosso. Lã disse o Filho de Deos em certa occasiãõ, que era luz: *Ego sum lux mundi*. E reparo, que falando o mesmo Senhor de si proprio, affirmou que não viera ao mundo, senaõ para remediar àquelles que perecêraõ: *Non sum missus nisi ad oves, que perierunt domus Israel*; mas se veyo o Senhor para todos, como diz, que foi sómente para aquelles? Cuidando que foi para mostrar, que aos desamparados do mundo, aos mortos no esquecimento dos homens, amparava a sua misericordia, para manifestar que era divina.

Por isso tambem o Evangelista S. Joaõ depois de dizer que o Senhor era verdadeira luz: *Erat lux vera*, disse que allumiava nas trevas: *Et lux in tenebris lucet*? Mas se as trevas são negação de luz, como se diz, que nas mesmas trevas apparece a luz com luzimento? Se em todo o rigor da Filosofia, negação, & fórma negada são incompativeis, como he possível, que a luz resplandeça nas trevas? Como se pôde affirmar, que nas trevas, que são huma mera negação, resplandece a sua fórma negada, que he a luz? Respondo, que o Evangelista S. Joaõ quiz mostrar o mayor realce da beneficencia Divina; por isso disse que a luz do Verbo começara a allumiãr nas trevas, idest, nos homens, que por peccadores eraõ incapazes de o receber. Bem tei aos Anjos, & aos homens allumiou sempre desde a creação aquella luz inacessivel; mas se considerarmos aos Anjos confirmados em graça, & aos homens abatidos pela culpa; se repararmos, que as Gerarquias possuem a bemaventurança, & que os homens pela culpa merecem a condemnãõ eterna, havemos de confessar, que em nós sómente resplandece mais a Divina misericordia; & isso he o que quiz declarar o Evangelista S. Joaõ naquellas palavras: *Erat lux vera, & lux in tenebris lucet*.

Mas que bem o imitou o glorioso Santo Antonio? He luz do mundo, como o publica o Evangelho da celebridade presente: *Vos estis lux mundi*; por isso realga a prerogativa de allumiar com ser advogado dos presos, a quem costuma especialmente acudir. Agora me lembro de humas palavras de Tertulliano, que supposto as disse falando com os Martyres, eu cuido que se podem accommodar nesta occasião a Santo Antonio: *Habet tenebras carcer, sed vos lumen estis illic*; este carcere he todo trevas. Aqui se escurece sempre a verdade; porque se culpa ordinariamente a innocencia, & se desculpa o delicto. E senão digaão-me; que preso ha, ou pôde haver, que o não imaginemos culpado civil, ou crimemente? E que delinquente haverà, que não desminta a sua culpa, pintando-a menor, se pôde? Aqui aonde està escurecida a verdade, preside a luz de Santo Antonio: *Lux in tenebris lucet*? Porque he a luz a quem todos invocaão para escapar dos perigos: *Habet tenebras carcer, sed vos lumen estis illic*.

Tertul.

O se quisesse Deos, que neste dia conhecessem os presos o muito que devem à luz de Santo Antonio! Neste lugar aonde o sentimento particular de cada hum, & as queixas gêraes de todos gastaão ordinariamente todo o tempo, que se devia empregar em reconhecer os proprios delictos com arrependimento do passado, propondo a emenda de futuro, preside Santo Antonio como luz, mostrando em tanta diversidade de causas a verdade, que os mais dos presos ignoraão. Ponha o culpado os olhos naquella gloriosa imagem, & verà que a vida inculpavel, que teve Santo Antonio cá no mundo, està acufando aos criminosos, & declarandolhes, que esta prisão, que padecem, he merecido castigo pelas culpas que commetteraão. Os que se achaão sem culpa, olhem para a innocente vida do mesmo Santo, & reconhecerãõ, que as tribulações, & molestias, que sentem, lhes podem servir de merito grande, se as sabem padecer como he justo. Que prisões não sente nas suas imagens Santo Antonio todas as horas? Para recuperarmos o escravo, que se ausentou, & para cobrarmos a fazenda perdida, prendemos continuamente a este glorioso Santo. Sendo a culpa sempre nossa, a prisão toda he sua; nós somos os culpados, & elle o preso. Se nós somos os que delinquimos, & a elle o prendemos; claro està que Santo Antonio nos mostra, que as prisões não descreditaão a innocencia,

cia, antes pôdem servir de merito grande aos que as padecem.

Ou se padeça com culpa, ou sem ella, conheça-se, que os trabalhos não são discreditados; as prisões não são afrontas, as molestias não são injurias; antes no sentir de Tertulliano, as injurias que padece a innocencia, são a mesma bemaventurança: *Tolle injurias, Tertull.* diz elle, *tullisti beatitudines*. Se he castigo o que sentimos, agradeçamos que se nos dê, quando pôde ser satisfacção; & se he rigor o que padecemos sem culpa, que mayor gloria, que padecer innocente? He grandissimo alivio em hum mal, não haver delicto, que o mereça. Quando os velhos propuleraõ a Susana, que escolhe-se, ou commetter o adulterio, ou ser accusada, & morta por adultera; respondeo, que antes queria morrer, do que commetter tal delicto: *Melius est mihi absque opere incidere in manus vestras, quam peccare in conspectu Domini*, repare-se nas palavras, *melius est absque opere*: he melhor morrer sem culpa; não só não teme o morrer, mas parece que o escolhe; dá-nos a entender, que o elege. Ainda que he o mayor mal a morte, por ser mal sem remedio, na opiniaõ de Susana, não só se não avalia por mal, mas antes se appetee por hum grãde bem, & que tem lugar entre os melhores: *Melius mihi est absque opere incidere in manu vestras, quam peccare in conspectu Dei*.

Daniel
13.

Os que padecem sem culpa, conheaço que no inculpavel da vida, tem o melhor alivio da pena. E agora se entenderá, porque Joseph, sendo accusado pela senhora, não defendeo a sua innocencia, declarando a verdade do successo? He ponderaçao de Oleastro: *Audi justi patientiam, & qualiter ream non prodit; sed mavult talia sustinere*, não diz Joseph palavra algũa, não se queixa, nem se defende, ainda que padece innocente: & a razão he; porque se manifestara a verdade, não padecera a prisão: & supposto que na opiniaõ vulgar he grande bem não padecer couza algũa, como na estimacão de Joseph ainda he melhor o padecer innocente, quiz antes ser condemnado ao carcere sem culpa, que deixar de o padecer, culpando a sua senhora com a declaracão da verdade: *Ream non prodit, sed mavult talia sustinere*. A mayor innocencia, que vio o mundo, foi a do nosso Redemptor, & diz S. Matheus, que sendo accusado falsamente, nada respondeo para desculparse: *Cum accusaretur a Principibus Sacerdotum, & Senioribus populi, nihil respondit*, porêm se a accusaçao he falsa; porque não allega a sua innocencia? A resposta he de Santo Ambrosio: *Tacet Dominus, & bene tacet, qui defensione non indiget*. He accusado o Senhor, & não diz palavra algũa; & cõ razão; porque não carece de defensão: agora cresce mais a duvida.

Oleastro.

Matth.

Ambrosio.

Os que accusão a Christo bem nosso, culpão-no para o fazerem pa-
decer: como diz pois Santo Ambrosio, que não carece de defensão
o Senhor, se defendendo-se da culpa, se livra da infamia de culpa-
do, & da morte a que o condênão?

Direi: Quer mostrar, que para a gloria de padecer innocente,
não ha mister disculparse. Responder aos accusadores seria accção
humana; porque assi costumão os culpados defenderse dos que os
accusão: logo calarse o Filho de Deos, vendo-se falsamente accu-
sado, foi accção verdadeiramente divina; por isso não lemos q̄ Pila-
tos se admirasse das palavras do Senhor, como se admirou do silen-
cio: *Nihil respondit, ita ut miraretur preses*. Conheceu que estava in-
nocente, certificou-se que era justo; & vendo que entre as accu-
sões não falava, admirou-se do que vio; inferio que era mais que
homem: quando o vio não defenderse como homem, suspeitou q̄
era Divino. E que divino se mostra todos os dias o glorioso Santo
Antonio nas prisões, que padece sem culpa? Para cobrarmos o
perdido o prendemos, como se o Santo tivera a culpa de o perder-
mos; mas se o queremos obrigar, como não reparamos, que das
prisões se pôde o Santo offender? Sem duvida, que como os ma-
yores Santos desejarão sempre padecer penas sem culpa, achamos
nòs qué para Santo Antonio, o melhor modo de o obrigar, he a
sem razão com que o costumamos prender; então o obrigamos
mais a conceder o que pedimos, quando mais injustamente o pren-
demos. São os laços, que lhe pomos, obsequios com que o obriga-
mos; & daqui infiro, que para nos declarar o muito que podemos
merecer nas prisões, se não queixa em algum tempo de ser preso
todos os dias. Antes como Santo Antonio he luz, que nos ha de en-
caminhar: *Vos estis lux mundi*, assi deve imitar a luz Divina Chris-
to bem nosso, que foi preso sem culpa, & sem já mais se defender.

Este he o documento, que dà Santo Antonio no carcere aos q̄
estão presos sem culpa; mostrarlhes, que padecendo innocentes,
então ficão mais gloriosos, & com semelhança de divinos. Mas ve-
jo que me perguntão os culpados, qual he o mayor beneficio, que
devem à luz de Santo Antonio? Respondo, que he mostrarlhes a
graveza da sua culpa, para os emendar. Essa foi a occupação, q̄ teve
Santo Antonio em quanto viveo cá neste mundo, mostrar aos ho-
mens a graveza dos seus erros, & delictos, para que emendassem as
vidas: digão-no os hereges, que reduzio; os peccadores, que con-
verteo; & os milhares de pessoas de todo o genero, que com a luz
de sua doutrina nas trevas do mundo allumiou. Nem se lhe izétou
o grande

ô grande por soberano, nem se lhe estondeo o humilde por abatido. Verdadeiramente foi luz, que discorrendo climas diversos, allumeou a todos; senão tiveramos luz, não havíamos de conhecer os nossos defeitos. Devemos todos ao seu beneficio, o conhecimêto das nossas imperfeições; quanto ella se diffunde mais clara, tanto mais nos manifesta ainda a menor mácha, para a podermos apagar. Pois isso que faz a luz material em beneficio dos homens, he o que obrou Santo Antonio no mundo, & obra ainda hoje. Neste carcere, aonde os presos o invocão, ainda he luz, que manifesta a cada hum os seus defeitos. Como o empenho de Santo Antonio sempre foi querernos salvar, assiste como luz ainda neste carcere, aonde ha mais a que acudir.

Aqui mostra ao facinoroso, que dos agravos da Divina Justiça só se appella para a misericordia, aonde o arrependimento do culpado obriga ao proprio Deos a revogar a sentença. He o que ponderou S. João Chrysostomo, quando disse, que se Deos ameaça cõ o castigo do inferno, não he para nos castigar, senão para escusar o mesmo castigo; porque o temor de tão rigorosa condenação, fazendo-nos chorar a culpa, nos livra da pena, que merecemos. Se he pena civil o estar preso, considere o culpado, que esta he pena temporal, & não tem comparação com a eterna. Olhe cada hum no premio de Santo Antonio o que perde, & considerem todos em suas proprias culpas o que merecem. A virtude daquelle glorioso Santo está laureada no Empyrio, & os delictos dos que estão neste carcere os conduzem a ser castigados no inferno, todos aqui tem em suas causas hum advogado tão grande, & o carcere da outra vida não admite algum advogado; porque alli só os condênados se prendem; para merecer o Ceo não ha remedio como emendar a vida, & imitar a virtude de Santo Antonio; & para não ir ao inferno, o mesmo Santo nos aconselha, que devemos evitar os delictos, que se castigão neste carcere. Tudo isto nos mostra aquella soberana luz, que assi lhe chama o Evangelho: *Vos estis lux mundi.*

E se os criminosos conhecem bem esta verdade, bem posso nesta occasião repetir as palavras de S. Cypriano: *O beatum carcerem, quem illustravit vestra presentia.* Oh venturoso lugar! Oh carcere bemaventurado, a quem illustrou a luz benigna de Antonio. Atégora eras lugar de culpados, já agora pareces morada de arrependidos: atégora se não conhecião em ti as offensas, mais q̃ em quão commettidas, já agora apparecem choradas. Até agora ninguem conhecia os seus erros, já agora todos detestão as culpas. Até agora
tudo

tudo erão delictos, já agora tudo são arrependimentos; antes para dizer tudo, atêgora todos ignoravão a verdade, já agora a luz de Antonio a tem manifesta: por isso sendo atê agora propria imagê do inferno, pelo que merecião as culpas, já agora he húa semelhança do Ceo pelo que se deve ao arrependimento. Fundome em o que disse S. Bernardo: *Non locus homines, sed locum homines sanctificant*, o lugar não santifica aos homens, antes os homens são os que santificão ao lugar; que aproveita a santidade do Templo aos frios de espirito? Alli hão de carecer de devoção, aonde atê as paredes estillão fervor. Pelo contrario, que impede o tumulto das ruas, & praças, aos que seguem a virtude? Hão de tratar dos bês do Ceo no mesmo lugar, em que se não fale mais que em cousas da terra. Mais apta era para a oração de Jonas a nao, que o perigo das ondas; & com tudo, o mesmo Jonas, que adormeceo dentro em a nao, porque lhe faltou o espirito; depois concebendo fervor, esteve no meyo do mar ardentissimo. Nas entranhas de hum monstroo marinho achou Templo, & do ventre da Balea fez oratorio para deprecar a Deos.

Bem pôde logo a luz de Santo Antonio santificar este cárcere, allumiando aos que estão presos. Com os mesmos rayos com que lhes manifesta o que errarão, lhes inflamma os corações, para que aborreção os vicios, & amem sómente a virtude: por isso já não he cárcere de culpados, só he Ceo de arrependidos. Parece-me que vemos aqui húa imagem propria daquella gloria, que lá descreve Ezequiel; refere elle que vira quatro animaes, que tiravão pelo carro de Deos, & que tinha cada hum quatro caras: *Similitudo quatuor animalium, quatuor facies uni*, & que tem a gloria do Senhor com a semelhança dos animaes? Para que erão tantas caras lá no Ceo? Na terra he grangearia o ter muitas; porém no Ceo para que são necessarias tantas? Direi. Tiravão com igual movimento pelo carro, sofrião uniformemente o jugo, estavão gostosamente presos, o Leão que era simbolo dos iracundos, & soberbos, estava todo humano; o Homé, cuja ambição o fez discorrer mares, & terras, era Aguia contemplativa do Ceo; a Aguia, que sempre viveo de arrebatat o alheyo, era vitulo obediente ao jugo, aonde com o trabalho satisfazia; & o Vitulo, que toda a vida gastou, ou em arrastar ferros, escalandu a terra, ou em ameaçar có as pontas as pessoas, era Leão vencido, & prostrado da quartá, q se esquecia da bravesa natural, & da propria ferocidade: pois se na prisão dos animaes, os naturaes de todos se mudarão, claro está que

havia

Bern.

Ezech.
cap. 1.

havia de mostrar Deos, que conduziao o carro da sua gloria.

Aonde os presos deixaõ de ser o que foraõ, ali lhe grangeaõ a mayor gloria ao Senhor; aonde o que foi Leão feroz, chora os erros como homem entendido, aonde o Vitulo que trabalhou sempre inclinado à terra, se remonta como Aguia às contemplações do Ceo; ainda que todos tenhaõ sido animaes nos costumes, haõ de parecer tão racionaes nas operações, que apenas se lhes ha de ver a semelhança do que foraõ: *Similitudo quatuor animalium*, em nenhũa parte pôde haver semelhança mais propria da vista de Ezequiel, que neste lugar aonde estamos. Lã os animaes viaõ-se presos, havia Throno de Deos, & havia gloria: cã tambem estamos presos à vista, ha Throno de Deos, que he Santo Antonio, & ha gloria do mesmo Deos, que com a mudança das vidas, & a reforma dos costumes a manifesta. O que foi Leão na ferocidade, já he Vitulo no sofrimento; he Aguia nas contemplações, & he homẽ em chorar os proprios delictos. Agora entendo o que disse S. Joã no seu Apocalypse dos quatro animaes, que vio diante do Throno. Refere que estavaõ cheyos de olhos, huns para tras, outros para diante: *In circuitu, & intus plena sunt oculis ante, & retro*, com os q̃ *Apocal.* tinhaõ para tras, choravaõ os erros passados, & com os de diante olhavaõ para o Throno presente. Ao redor do Throno de Deos, que he o glorioso Santo Antonio, estaõ os presos deste lugar, com huns olhos contemplaõ a virtude do Santo, com outros choraõ os erros proprios; com huns olhaõ para o Throno de Deos, com outros choraõ as offensas do mesmo Senhor. Como aos olhos avinculou a natureza os dous officios de ver, & chorar, no mesmo tempo que vem, & reconhecem a virtude do Sãto, se occupaõ em chorar os proprios delictos; mas essa he a propriedade da luz, fazer ver, & fazer chorar.

Sem luz não se pôde ver cousa algũa, & a mesma luz, sendo intensa, nos obriga a chorar muitas vezes; mas se os rayos da luz, que nos facilita o ver, nos dispõem tambem para chorar, sendo luz o glorioso Santo Antonio, como não ha de mostrarnos a nossa culpa, & persuadirnos a que a choremos? Por isso á vista do Throno no Ceo, aonde os animaes assistiaõ cheyos de olhos, vio S. Joã hú mar de vidro, em que se representavaõ as lagrymas: *Et in conspectu* *Apocal.* *sedis tanquam mare vitreum*, sem duvida, que a gloria do Ceo he fazernos o Throno de Deos conhecer, o que erramos, para que o choremos arrepedidos. Porém toda essa he a gloria, que S. Joã diz que vio: *Vidi Calam apertum*, bem podemos nós dizer hoje, que he

retrato do Ceo este carcere, aonde se reconhecem as culpas, & se choraõ à vista do Throno de Deos, que he Santo Antonio, & como benigna luz nos assiste. Do Throno de Deos disse S. Paulo, que era luz: *Lucem inhabitat inaccessibilem*, parece que nos quiz declarar quem he este glorioso Santo; pois quando serve a Deos de Throno, tendo-o nos braços, lhe chama luz do mundo a Igreja Catholica nas palayras do Thema: *Vos estis lux mundi*.

Dirmchaõ que, se invocaõ os presos a Santo Antonio, naõ he sómente para lhes servir de advogado ante a Magestade Divina, senaõ para os allumiar, & favorecer tambem nos tribunaes humanos. Ao que respondo, que todas as felicidaes nos mostra a luz de Santo Antonio; as do Ceo ensinandonos como as devemos consequir; & as da terra obrando milagres para podermos alcançallas. Quem ler a prodigiosa narraçaõ de sua vida, verà que naõ sómente se occupou em conduzir a muitos para a gloria do Ceo, mas tambem livrou a innumeraveis dos perigos da terra. De Padua a Lisboa passiou em hũa occasiaõ milagrosamente, para livrar a seu pay, que estava condemnado à morte; & sendo preso segunda vez, como devedor à Fazenda Real, tornou a livrallo o Santo cõ outro milagre, declarando aos ministros a verdade, que se ignorava. Sabido he tambem o prodigio que obrou, fazendo a hum condemnado passiar quitacaõ de certa quantia que recebèra, para desobrigar a hum preso, a quem os herdeiros do mesmo condemnado a pediaõ, por naõ mostrar clareza de havela já satisfeito. Bem pôdem logo todos os presos animar se, pois tem por advogado a hum Santo, que faz milagres para livrar as fazendas, & as vidas. Mas sendo este glorioso Santo luz do mundo, como havia de mostrar os bens do Ceo sómente?

O mundo comprehende o Ceo, & os elementos; pois para que se entenda, que todas as felicidades nos manifesta a luz de Santo Antonio, para que se conheça, que o eterno, & o temporal, os bês do espirito, & os do corpo, o celeste, & o terreno, tudo achamos mediante a luz de Santo Antonio, naõ se diga simplesmente que he luz, senaõ que he luz do mundo: *Lux mundi*, que todos os bês nos communica. Agora entendo, porque o Evangelista S. Joaõ no capitulo oitavo depois de referir o caso da adultera, & como o Senhor a livrou, entaõ disse que o mesmo Filho de Deos affirmou, q

Joan. 8.

era luz do mundo: *Ego sum lux mundi*, estando a adultera presa, & accusada por adultera, como naõ só a livrou o Senhor de padecer, mas tambem a instruhio para naõ peccar, como naõ só lhe allu-

miou

miou o espirito, mas tambem lhe escusou a pena do corpo, entendo, que à vista de tão notaveis beneficios, por luz do mundo o deviaõ todos reconhecer. He verdade, que o Filho de Deos sempre foi luz, assim o diz o mesmo Evangelista no primeiro capitulo: *Erat lux vera*; porèm agora que acode à adultera na prisão, livrandolhe a vida temporal, & encaminhando-a à eterna; agora q̄ *Joan. 1.* a livra da pena, & a dirige para a gloria: *Vade in pace, & noli amplius peccare*, como lhe dá huns, & outros bens, terrenos, & celestiaes, entende que se lhe deve o titulo de luz do mundo: *Ego sum lux mundi*; porque neste titulo se insinuaõ os bens do Ceo, & da terra, que, mediante a luz do mundo, costumamos todos gozar. *Cap. 8.*

Se o Senhor sómente allumiasse o espirito daquella molher, deixando-a presa, & condemnada a morrer, dirsehia que era luz do Ceo; pois servia só de a encaminhar a gozallo; livrando-a tãbem da condemnacão que merecia, havemos de confessar, que he luz do mundo, pois lhe dá o terreno, & o celeste, o eterno, & o temporal, que he tudo o que no mundo póde haver. Tudo isto parece que assegura o glorioso Santo Antonio aos presos deste lugar; porque a sua luz não só dirige para o Ceo, mas tambem livra dos perigos da terra: não só mostra os bens, que deviamos possuir, mas tambem evita os males, de que pretendemos escapar. Ao corpo, & ao espirito se estende a beneficencia daquella luz; ao corpo, livrando-o dos males temporaes; & ao espirito, dispondo-o para as felicidades eternas. No Ceo, & na terra he Santo Antonio benefica luz para os seus devotos; no Ceo, allumiando-os para o saberm merecer; & na terra, desviando-os dos perigos, de que não sabem escapar. Mas por isso mesmo o applaude hoje a devoçãõ dos presos com o titulo de luz do mundo: *Vos estis lux mundi*, mostrãdo que sobre ser universal para todos, todos os bens nos communica.

Tenho acabado o Sermaõ; mas vejo que das excellencias, & virtudes de Santo Antonio, mais he o que vem continuamente nossos olhos, que o que referio agora o meu discurso. No que se verificaõ muito mais as palavras de Santo Ambrosio, que repeti no principio: *Plus est quod probatur aspectu, quam quod sermone laudatur*. Conheçaõ todos, que a vastidaõ do Oceano senão póde reduzir a hũa breve concha. Porèm sendo este glorioso Santo luz, elle proprio he o melhor panegyrico de si mesmo; porque só a luz póde manifestar as suas excellencias: *Serò enim utitur testimonio*. *Ambrosio.*
 Concluo pois, encommendãdo a todos gèralmente a imitacão do *Idem.*
 que

que louvaõ ; pois he certo que o mayor applauso dos justos consisti na imitação que lhes fazemos : *Qui Sanctorum religiosa charitate miratur , qui justorum glorias frequenti laude colloquitur , eorum mores sanctos , atque iustitiam imitetur*, disse S. Joã Chrysostomo : imitemos pois o que louvamos , já que nao podemos louvar bem , sem que o imitemos ; para o conseguirmos assistinos vòs sempre , glorioso Santo como luz em todas nossas acções ; saberemos cõ luz taõ boa fugir dos perigos desta vida , & merecer a felicidade da outra , que he a bemaventurança. *Ad quam nos perducat Deus , &c.*

LAUS DEO.

